

EXPERIÊNCIAS DE MARTINHO LUTERO EM SUA VIDA DE ORAÇÃO

MARTIN LUTHER'S EXPERIENCES IN HIS PRAYER LIFE

Pedro Henrique Schmidt Pinheiro¹

Clóvis Jair Prunzel²

Resumo: O tópico de estudo da presente pesquisa envolve a oração na vida e teologia de Martinho Lutero, tendo como objetivo principal investigar as experiências do reformador na vida de oração e os ensinamentos que podem ser extraídos de sua compreensão sobre a oração. A pergunta que pretende ser respondida é sobre que ensinamentos de Lutero a respeito da oração podem ser extraídos a partir de suas experiências e compreensão teológica. Sabe-se que Lutero foi um homem de oração, exercendo a espiritualidade cristã a partir do seu entendimento a respeito do clamor a Deus em momentos de necessidade e gratidão. A metodologia do presente trabalho é do tipo qualitativa, e quanto aos seus objetivos é de natureza exploratória. O procedimento técnico de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados desta pesquisa apontam para como Lutero de fato aplicava a sua compreensão sobre a oração em sua vida, fundamentando-se nas palavras de ordem e promessa de Deus na oração, confiante de que suas petições seriam verdadeiramente ouvidas. Assim, este trabalho mostra como Lutero contribuiu para a compreensão teológica sobre os fundamentos da oração a partir de seus estudos e experiências.

1 Bacharel em Teologia (ULBRA, 2021). Cursando a pós-Graduação *latu sensu* Habilitação ao Ministério Pastoral (ULBRA, 2023). Artigo adaptado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), elaborado e apresentado para obtenção do título de bacharel em Teologia.

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, São Leopoldo (1991). Mestre em Teologia, Seminário Concordia (1997). Doutor em Teologia Sistemática, Concordia Theological Seminary, Fort Wayne, EUA (2014).

Palavras-chave: Oração. Lutero. Fundamentos. Experiências.

Abstract: The study topic of this research involves prayer in the life and theology of Martin Luther, with the main objective of investigating the experiences of the reformer in the life of prayer and the teachings that can be drawn from his understanding of prayer. The question that seeks to be answered is what Luther's teaching on prayer can be drawn from his experiences and theological understanding. It is known that Luther was a man of prayer, exercising Christian spirituality from his understanding of the cry to God in times of need and gratitude. The methodology of this work is qualitative and its objectives are exploratory in nature. The technical investigation procedure used was bibliographic research. The results of this research point to how Luther actually applied his understanding of prayer in his life, basing himself on God's words of order and promise in prayer, confident that his petitions would be truly heard. Thus, this work shows how Luther contributed to the theological understanding of the foundations of prayer from his studies and experiences.

Keywords: *Prayer. Luther. Fundamentals. Experiences.*

INTRODUÇÃO

O tema do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) envolve questões referentes à oração a partir das experiências e escritos do reformador, Martinho Lutero. A questão principal a ser investigada se refere à busca de contribuições sobre oração que podem ser adquiridas em meio às súplicas e entendimento de Lutero.

A pesquisa tem como objetivo analisar as experiências e escritos de Lutero a respeito da oração, visando pesquisar contribuições e ensinamentos fundamentados na verdade bíblica para a prática da oração.

A presente pesquisa possui uma abordagem qualitativa, e quanto aos seus objetivos, o estudo foi de natureza exploratória, pois visou obter maior familiaridade com o tema proposto. Com isso, para o processo de coleta de dados, foi utilizado como procedimento técnico de investigação a pesquisa bibliográfica.

Dentre as abordagens a respeito do tema de pesquisa, Veith Jr. (2017) e Wengert (2004) destacam a vida de oração de Lutero, os seus ensinamentos e contribuições a partir de suas experiências e estudos. Diante disso, alguns escritos do próprio reformador são abordados no intuito de investigar sobre as suas experiências na vida de oração, como a carta de Lutero (2018) ao mestre Pedro Barbeiro, em “Uma Singela Forma de Orar”.

A pesquisa está estruturada em dois capítulos que compõem e formam o presente trabalho monográfico, objetivando identificar experiências e entendimentos de Lutero na prática da oração; e examinar os princípios teológicos estabelecidos por Lutero ao tratar sobre quais são os fundamentos em que a oração do cristão está firmada. Assim, cumprir-se-á com o objetivo de pesquisar ensinamentos sobre oração a partir das experiências e escritos do reformador.

LUTERO, UM HOMEM DE ORAÇÃO

A vida de Martinho Lutero pode ser explorada em diversos aspectos e momentos, enfatizando diferentes pontos de sua história; porém, algo que fica evidente em meio a escritos, relatos e contribuições teológicas, é a sua vida de oração.

A lista de qualidades do reformador Martinho Lutero é muito extensa. Uma delas é que ele se destacava, antes de tudo, como um homem de oração. Uma de suas máximas era: *Oratio, tentatio, meditatio faciunt theologum* – “Oração, tentação e meditação fazem o teólogo”. Para Lutero, isso não era teoria. Era prática. Isso explica, em grande parte, sua vida tão produtiva (ZÜGE, 2016, p.85, grifo do autor).

Assim, ao longo de sua vida, Lutero se exercitou na prática da oração, considerando-a, conforme Warth (2018, p.113), um elemento essencial para toda amplitude da ética cristã, sendo chamado de “[...] um atleta da oração” (VEITH JR., 2017, p.138).

De acordo com Warth (2018, p.113), o princípio de Lutero da oração, tentação e meditação, formam uma unidade em que o cristão é movido a clamar ao SENHOR e a se firmar em suas promessas nos momentos de

necessidade. Com isso, Lutero estabeleceu um padrão que poderia ser utilizado com os salmos e outros textos bíblicos. Assim, de acordo com Veith Jr. (2017, p.138), esse princípio de Lutero foi essencial para a sua vida como teólogo, preocupando-se em não apenas cultivar uma vida de oração, mas também promovê-la através do ensino. Isso fica evidente com a afirmação de Züge (2016, p.85): “Mas ele não só orava. Também se preocupou em ensinar a orar, com a mesma seriedade com que ensinava, aconselhava, pregava, ou fazia qualquer outra atividade”.

Diante disso, conforme Warth (2018, p.113), Lutero enfatizava a importância do culto para o cristão, pois é o momento em que a Palavra pregada se torna Palavra orada. A partir disso, pode-se perceber que Lutero apontava para um caráter receptivo do culto, sendo o momento em que Deus, por meio de sua Palavra, abre os lábios de seus filhos para clamarem a ele. O mesmo princípio é abordado por outro autor que dialoga com a teologia de Martinho Lutero: “Somos movidos a orar regularmente pela participação constante no culto. Ali recebemos o dom da oração. Ali aprendemos a orar juntamente com Cristo e toda a comunhão dos santos” (KLEINIG, 2019, p.144).

Assim, em meio aos seus estudos e experiências, Lutero passou a considerar e entender a oração não como um movimento provindo do coração do homem, mas como uma obra de Deus na vida do cristão:

Da mesma forma, também nossa oração, como obra nossa, nada valeria nem efetuaria qualquer coisa; o que, porém, a fez [valer e efetuar algo] é o fato de ela ter seu mandamento e promessa, de modo que também pode muito bem ser considerada um sacramento, mais obra divina do que nossa [...]; a Escritura, entretanto, nos ensina que não devemos olhar para nós, mas para a Palavra e promessa de Deus, a elas nos apegando com fé (LUTERO, 2005, p.152).

Diante disso, em função de não focar na ação humana, mas olhar para a palavra de Deus, o reformador, em meio a sua vida de oração, confrontava a Deus com suas promessas (BRECHT apud VEITH JR., 2017, p.139), suplicando com humildade e confiança. Assim, Lutero viveu uma vida de súplica considerando a oração como uma “[...] estratégia de guerra contra o mal e uma entrega total da vida nas mãos de Deus” (WARTH, 2018, p.115).

LUTERO E A PIEDADE MEDIEVAL

Nascido na cidade de Eisleben, Alemanha, em tempos em que a piedade medieval relacionava a oração ao sistema penitencial, Lutero, desde menino, experimentou a prática da oração; prática que seria fortemente intensificada na ordem dos monges eremitas agostinianos de Erfurt, como é relatado por Lindberg (2014, p.417, tradução nossa): “Em sua vida monástica, Lutero experimentou a oração e a liturgia que estavam ‘intimamente ligadas ao sistema penitencial, não apenas como satisfação pelo pecado, mas também por meio das promessas de indulgências ligadas às orações particulares’”.

Todo esse contato com a vida no monastério, onde a piedade do final da Idade Média era praticada mantendo o foco da oração no próprio merecimento (WENGERT, 2004, p.263), fez com que Lutero, a partir da sua redescoberta da verdadeira mensagem do evangelho, passasse a rejeitar algumas práticas e aproveitar outras.

Por um lado, essa experiência o levou à rejeição veemente ao longo da vida dos livros de oração medievais (por exemplo, *Betbüchlein* WA 10, 2. 375, 3-15; LW 43. 11). Por outro lado, a experiência monástica de Lutero de oração meditativa diária sobre os Salmos foi formativa para seu entusiasmo ao longo da vida pelos Salmos como orações modelo (LINDBERG, 2014, p.417, tradução nossa).

Assim, o reformador passou a ensinar a respeito da boa prática da oração, não conforme a piedade medieval, exigindo que as orações fossem feitas a partir do uso de inúmeras páginas de livros e diversas contas do rosário, mas com seriedade, fé e confiança em Deus: “Devem-se orar não muitas folhas ou contas, como é costume, mas sim tomar algumas dificuldades prementes, rogar por elas com toda a seriedade e nisto exercitar a fé e a confiança em Deus de forma tal que não duvidemos que seremos atendidos” (LUTERO, 2011, p.128).

É importante mencionar que Lutero não era contra o uso de livros de oração ou da prática de contas no rosário (MTATA, 2018, p.2), porém, era necessário entender que a oração deveria ser uma expressão da fé, que é o que torna a prece agradável aos olhos de Deus. “Assim a oração é um

exercício especial da fé, que com certeza torna a oração tão agradável que ou ela certamente é cumprida ou, em troca, é dado algo melhor do que pedimos” (LUTERO, 2011, p.128).

Em um de seus escritos, denominado “Das Boas Obras”, Lutero critica diretamente a prática da oração das igrejas e mosteiros de sua época, evidenciando o quão distante estava o entendimento das pessoas a respeito da oração:

Sem dúvida, todas as igrejas e mosteiros agora estão cheios de oração e canto; mas como acontece que disso resulta pouca melhora e proveito, ficando cada dia pior? A causa não é nenhuma senão a que S. Tiago aponta dizendo: “Vocês pedem muito, e nada recebem, porque não pedem corretamente” [Tg 4.3]. Pois onde não há esta fé e confiança na oração, está morta a oração, nada mais sendo do que esforço e trabalho pesado. E se por estas é dada alguma coisa, não passa de proveito temporal, sem quaisquer bens ou auxílio para a alma, sim, para grande prejuízo e ofuscamento da alma. Eles vão e garrulam muito com a boca, sem cuidar se o conseguem, ou desejam, ou confiam, e ficam empedernidos nesta descrença, no pior dos hábitos contra o exercício da fé e a natureza da oração (LUTERO, 2011, p.129).

Assim, o reformador desconstruiu a prática e o entendimento com o qual havia tido contato desde pequeno a respeito da oração, passando a praticar e ensinar sobre oração a partir dos olhos da fé, que apreende as promessas de Deus e não duvida de que a oração é verdadeiramente ouvida e respondida:

Daí se segue que uma pessoa que ora corretamente jamais duvida que sua oração com certeza é agradável e será atendida, ainda que não lhe seja dado exatamente aquilo que pede. Pois na oração deve-se apresentar a Deus a dificuldade, mas não prescrever-lhe medida, maneira, alvo ou lugar. Devemos, isto sim, deixar em suas mãos se quer dar coisa melhor ou diferente daquela por nós pretendida [...] Portanto, no que tange à oração, não deve haver qualquer dúvida de que ela seja agradável e atendida, mas deve-se deixar ao alvitre de Deus o tempo, lugar, medida e alvo; ele o fará bem como deve ser (LUTERO, 2011, p.129).

A partir desse entendimento a respeito da oração, Lutero já não mais estava preso ao pensamento e piedade medieval da época, passando a manifestar em sua vida de oração a nova compreensão que ainda seria desenvolvida e ensinada em seus escritos.

LUTERO E SEU AMIGO PEDRO BESKENDORF

Um dos escritos que oferecem conselhos extremamente práticos sobre oração, sendo considerado um “[...] testemunho magnífico de uma grande confiança no amor de Deus para com o mundo dos pecadores” (FISCHER, 1984, p.317), é a pequena obra de Lutero chamada “Uma singela forma de orar, para um bom amigo”, escrita em formato de carta no ano de 1535, tornando-se muito útil para o ensino.

Esta obra singular de Lutero foi escrita e dedicada a seu amigo e barbeiro Pedro Beskendorf, que “[...] pediu a Lutero que lhe mostrasse um modo simples de orar [...] Lutero lhe deu um conjunto rico, mas bem prático de orientações sobre como orar” (KELLER, 2016, p.100). Contudo, a carta de Lutero sobre oração tornou-se realmente necessária para Pedro após um triste acontecimento ocorrido no mesmo ano de 1535:

No sábado antes da Páscoa, 27 de março de 1535, aconteceu uma tragédia. Pedro estava na casa de seu genro Dietrich para uma refeição. Este era um veterano de guerra e se gabava que nada o podia ferir porque conhecia a arte de fazer-se invulnerável. Pedro, certamente alcoolizado, queria testar esta arte e enfiou uma faca em Dietrich, que morreu (WARTH, 2018, p.132).

Diante disso, mais do que nunca, Pedro necessitou dos ensinamentos de seu amigo sobre “Uma singela forma de orar”. Certamente, em meio ao exílio, a carta de Lutero foi útil para Pedro, oferecendo consolo e orientação (ZÜGE, 2016, p.85). Além disso, “[...] ela podia servir para acender o coração a ouvir o ‘sermão do Espírito’” (WARTH, 2018, p.133).

Entretanto, apesar desse escrito ter concedido dicas práticas para o seu amigo Pedro Barbeiro criar o hábito de orar, essa obra de Lutero também revelou muito do que se refere a própria vida de oração do reformador em

meio às experiências que viveu. Ele mesmo apontou para a sua experiência na vida de oração no início de sua carta: “Caro mestre Pedro! Passo-te minha experiência com a oração e a maneira como costume praticá-la” (LUTERO, 2018, p.134).

Nesta carta, Lutero descreveu sua forma pessoal de orar [...] Ele confessou que às vezes ficava frio e sem vontade de orar. Então pegava seu Saltério, retirava-se para algum lugar, e recitava para si mesmo os Dez Mandamentos, o Credo, e, havendo tempo e oportunidade, algumas palavras de Cristo, de Paulo ou dos Salmos (ZÜGE, 2016, p.86).

Assim, quando a carne e o diabo dificultavam e tentavam impedir a oração (LUTERO, 2018, p.134), Lutero, do mesmo modo como uma criança aprendia sobre a fé cristã, voltava para o que era básico e nutritivo, a fim de lembrar-se da Lei de Deus, confessar a fé com o Credo e orar recitando os salmos. Com isso, o reformador se armava contra os atos malignos de Satanás, pois ele sabia muito bem que “[...] o diabo, ao nos assediar, não é preguiçoso nem negligente, e que nossa carne ainda está por demais viva e disposta para o pecado, inclinando-se contra o espírito de oração” (LUTERO, 2018, p.135).

Na parte inicial de sua carta a Pedro, o reformador abordou sobre bons horários para orar, a fim de que o dia começasse e terminasse com uma boa obra de sacrifício de louvor a Deus. Além disso, Lutero aponta para os cuidados contra maus pensamentos que impedem a oração:

Por isso é bom que, de manhã cedo, se faça da oração a primeira atividade, e de noite, a última. E previne-te muito bem desses pensamentos falsos e enganosos que dizem: Espera um pouco, daqui uma hora vou orar, mas antes ainda tenho que resolver isso ou aquilo. Porque com esse pensamento se passa da oração para os afazeres que prendem e envolvem a gente a ponto de não mais sair oração o dia inteiro (LUTERO, 2018, p.134).

Diante dessa afirmação, Lutero mostra sua experiência com a oração, cultivando momentos específicos para clamar ao SENHOR com reverência, confiança e esperança, como afirmou Dietrich, o próprio amigo do reformador:

Não há um dia em que ele não dedique ao menos três horas, justo as mais adequadas para [trabalhar], à oração. Certa vez tive a fortuna de ouvir sua oração por acaso. Bom Deus, que fé em suas palavras! Ele fala com grande reverência de alguém que se dirige a seu Deus, e com a confiança e esperança de alguém que fala com o pai e amigo (ROGERS apud KELLER, 2016, p.99, 100).

Com isso, percebe-se que Lutero orava em boas horas do dia, mantendo-se zeloso e atento à prática da oração. Sobre isso, Veith Jr. (2017, p.138) comenta que os momentos de oração do reformador não se resumiam aos horários da manhã ou da noite, nem antes ou depois de suas atividades, porém, Lutero orava em momentos de trabalho e serviço, quando estava atento e com energia para isso. Assim, ao mostrar prioridade e importância à prática da oração, o reformador, logo no início de sua carta, “[...] aconselha a cultivar a oração como um *hábito*” (KELLER, 2016, p.100, grifo do autor).

A ORAÇÃO DO PAI-NOSSO

Em seus dias, a fim de cultivar a própria vida de oração, Lutero tomava como base a oração do Pai-Nosso, afinal, conforme Arand (2006, p.32), o reformador “[...] voltou-se para o Pai Nosso como sendo o melhor ponto de partida para a reflexão quanto à natureza e propósito da oração”. Por isso, em sua carta a Pedro, “Lutero descreveu como exemplo sua prática pessoal de oração e meditação. Ele disse que inicialmente recitava o Pai-Nosso todo. Logo depois o repetia, parte por parte, petição por petição, meditando e conversando com Deus” (ZÜGE, 2016, p.86). Lutero fazia isso conforme o exemplo abaixo, proposto na carta:

A sexta petição: “E não nos induzas à tentação”, e diz: Ah, querido Senhor Deus e Pai, conserva-nos corajosos e bem dispostos, ardorosos e aplicados em tua palavra e serviço. Que não nos tornemos seguros, preguiçosos e relaxados, como se agora tivéssemos tudo, para que o diabo ferino não nos assalte e surpreenda, e nos tire de novo tua palavra preciosa ou provoque discórdia e sectarismo entre nós, ou ainda nos leve de outro modo ao pecado e à vergonha, seja

espiritual ou corporal; mas dá-nos, por teu Espírito, sabedoria e força, para que lhe resistamos com bravura e obtenhamos a vitória, amém” (LUTERO, 2018, p.137).

Assim, o reformador orava e ensinava sobre oração, firmando-se nas próprias palavras de Jesus Cristo, amparando-se nas promessas dele e orando conforme o seu ensino. Deste modo, Lutero se utilizava da oração do Pai-Nosso como fundamento e base para a prática da oração; e havia uma razão para isso: “Lutero diz, de uma forma um tanto pitoresca, que Jesus nos leva à presença de seu Pai; que subimos ‘em sua pele e nas suas costas’” (KLEINIG, 2019, p.132). Assim, mediante esse entendimento, Lutero orava ricamente, como ele mesmo escreveu ao abordar sobre a oração a partir das petições do Pai-Nosso:

Muitas vezes acontece que em alguma parte ou petição do Pai-Nosso chego a delongar-me em pensamentos tão ricos, que deixo de lado as outras seis. E quando vêm tais pensamentos ricos e bons, deve-se deixar de lado as outras preces e dar lugar a esses pensamentos e ouvi-los em silêncio, não os impedindo de modo algum; pois ali está pregando o próprio Espírito Santo. E uma palavra de sua pregação é melhor do que mil orações nossas (LUTERO, 2018, p.138).

A partir disso, Lutero (2018, p.141) afirmava que, mediante a pregação do Espírito Santo, os seus olhos eram desvendados para contemplar as maravilhas da lei de Deus [Salmo 119. 18], afinal, “[...] ele acreditava que toda oração a nosso Pai é viabilizada pelo Espírito de adoção, pela mediação de Jesus, o Filho verdadeiro. Nenhuma oração, portanto, acontece sem a obra do Espírito (KELLER, 2016, p.106).

Perante o exposto, percebe-se que Lutero tinha um grande apreço pela oração do Pai-Nosso, considerando-a a melhor oração e utilizando-a como fundamento para a sua vida de oração, fato que o próprio reformador deixou claro:

Com isso está descrita, em breves palavras, a forma como eu mesmo costume orar o Pai-Nosso ou qualquer outra oração. Pois ainda hoje mamo no Pai-Nosso como uma criança, dele como e bebo como um adulto; não consigo me faltar dele. Para mim ele está acima do

Saltério (ao qual tanto amo). O Pai-Nosso é a melhor oração. Na verdade, percebe-se que foi o verdadeiro Mestre que o formulou e ensinou (LUTERO, 2018, p.139).

OS DEZ MANDAMENTOS

De acordo com Scaer (1983, p.308), ao longo de sua vida, Lutero se utilizou dos Dez Mandamentos como partes essenciais de sua piedade pessoal. Diante disso, assim como fez uso da oração do Pai-Nosso para orar, o reformador, em sua vida de oração, também se utilizou dos Dez Mandamentos, orando a partir de cada Mandamento em torno de quatro pontos específicos:

Pego um ponto depois do outro, para que fique inteiramente livre para a oração (o quanto isso foi possível), fazendo de cada mandamento um quadrado ou uma coroa trançada quatro vezes, ou seja: tomo cada mandamento primeiro como um ensinamento, como ele na realidade o é em si mesmo, e reflito sobre o que nosso Senhor Deus nele exige de mim com tanta seriedade; em segundo lugar, faço dele uma ação de graça; em terceiro lugar, uma confissão, e em quarto, uma oração (LUTERO, 2018, p.140).

Assim, o reformador se utilizava da lei do SENHOR, recitando-a para si mesmo, a fim de orar e meditar a partir da palavra de Deus. Com isso, conforme Keller (2016, p.101) essa meditação pode ser considerada como uma ponte que liga a palavra de Deus à oração. A partir disso, a oração se torna um fruto da ação da palavra de Deus e do Espírito Santo, e não algo provindo apenas de pensamentos humanos, como o próprio Lutero (2018, p.148) escreveu: “Bem, isso nos dará o Espírito e tem que ser dado por ele, e há de continuar a ensiná-lo no coração quando este estiver em sintonia com a palavra de Deus e livre de negócios e ideias estranhas”. Essa compreensão de Lutero, expressa em sua carta, também foi comentada por Pless (1999, p.11, tradução nossa): “Martinho Lutero reconheceu que a oração é um ‘discurso de resposta’ no conselho sobre a oração que deu ao seu barbeiro, Pedro [...] Desta forma, a oração está ancorada na palavra de Deus e não pode se tornar o marcador da emoção e da imaginação humanas”.

Desta forma, a partir da disciplina de recitar e orar os Dez Mandamentos, Lutero acreditava que o pecador era levado à consciência de seus pecados, sendo direcionado para aquele que pode conceder ajuda e socorro (SCAER, 1983, p.308). Isso fica expresso conforme o exemplo abaixo, proposto na carta:

O nono e décimo mandamento: “Não cobiçarás a casa de teu próximo, nem sua mulher”, etc. Isso nos ensina, em primeiro lugar, que não devemos, com a aparência da legitimidade, aliciar, tirar ou extorquir os bens de nosso próximo e o que lhe pertence, mas ajudar para que os possa conservar, como nós gostaríamos que acontecesse conosco. Isso também é uma proteção contra as espertezas e traíções dos ladinos que, afinal, também receberão seu castigo. Em segundo lugar, devemos ser gratos por isso. E, em terceiro lugar, [devemos] confessar nosso pecado com arrependimento e contrição; em quarto lugar, [devemos] rogar por auxílio e fortalecimento para nos tornarmos retos e cumprirmos esse mandamento de Deus (LUTERO, 2018, p.147).

Com isso, Lutero se utilizou dos Dez Mandamentos de forma didática, voltando os olhos para o ensinamento da lei de Deus, rendendo graças e louvor a ele, confessando as transgressões cometidas e pedindo por socorro e força para cumprir a vontade do SENHOR. Tudo isso era feito pelo reformador, visando a prática da vida de oração e a própria obediência aos Dez Mandamentos. “Ao basear a oração na obediência aos Dez Mandamentos, Lutero visualizava o dever de orar à mesma luz enquanto dever que nós temos em honrar nossos pais, amar o cônjuge, pagar nossos impostos e ajudar o nosso próximo quando em necessidade” (ARAND, 2006, p.37).

Perante o exposto, nota-se que o reformador se utilizou dos Dez Mandamentos para direcionar e aquecer o coração a fim de clamar ao SENHOR, como afirma o próprio Lutero (2018, p.147), ao encerrar sua carta: “Estes são os Dez Mandamentos tratados de quatro modos: como livrinho de doutrina, como livrinho de canto, como livrinho de confissão e como livrinho de oração. Com eles um coração deveria encontrar-se a si mesmo e aquecer-se para a oração”.

O Credo Apostólico

Em função da carta de Lutero para Pedro ter se tornado uma obra extremamente útil para o ensino, ela foi publicada diversas vezes. Em algumas edições, Lutero realizou alguns acréscimos em seu escrito sobre a prática da oração, seguindo os mesmos princípios estabelecidos na carta, porém, utilizando outros exemplos, como o Credo Apostólico. Sobre isso, Keller (2016, p.101, nota 10) afirma: “O único tema proposto por Lutero para essa meditação que não se restringe às Escrituras é o Credo Apostólico, talvez porque ele estivesse completamente convencido de que não passava de uma destilação da verdade bíblica”.

De fato, Lutero acreditava que o Credo apresentava o essencial da verdade bíblica para o conhecimento sobre Deus, o que fica expresso tanto no *Catecismo Menor*, como no *Catecismo Maior*: “Com razão segue agora o Credo, que nos apresenta tudo o que devemos esperar e receber de Deus, e, para dizê-lo em breves palavras, nos ensina a conhecê-lo plenamente” (LUTERO, 2021, p.464). Por isso, baseando-se para orar, Lutero integrava o Pai-Nosso com os Dez Mandamentos e o Credo (ARAND, 2006, p.35).

Diante disso, em edições estendidas de sua obra, o reformador acrescenta o seguinte:

Quem agora ainda tem tempo ou disposição, pode proceder da mesma forma com o credo, fazendo dele uma coroa torcida quatro vezes. O credo, por sua vez, tem três partes principais ou artigos, consoantes às três pessoas da majestade divina, como foram divididas antigamente e também estão no *Catecismo* (LUTERO apud FISCHER, 1984, p.332).

Essa sequência proposta por Lutero é explorada por Züge (2016, p.88), ao resumir o ensino e prática do reformador:

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra. Primeiro, um ensinamento: ao meditar sobre o Credo, reconhecer em Deus Pai o Deus verdadeiro, o Todo-Poderoso, absoluto, Criador e mantenedor de todo universo, dos céus e da terra, do mundo e dos que nele habitam. Segundo, uma ação de graças: que se agradeça a Deus por ser o Criador, e por ele não abandonar a criação à sua própria

sorte. Terceiro, uma confissão: que os homens reconheçam que não dão honra e o crédito devidos ao Criador; que maltratam demais o mundo criado e todas as criaturas. Quarto, uma oração: pedir que Deus se revele, seja conhecido e reconhecido em fé por todos os homens; que em seu nome e poder sejam louvados e divulgados em toda a terra.

Assim, percebe-se que a proposta de Lutero seguiu a mesma forma didática utilizada com os Dez Mandamentos na prática da oração com o Credo Apostólico, sugerindo que seja extraído o ensino do Credo; que ações de graças sejam rendidas; que o pecado seja confessado; e que uma súplica seja realizada.

Com isso, Lutero apresentou a sua experiência e prática, ensinando como cultivar uma vida de oração e devoção ao SENHOR, finalizando a sua carta com o seguinte incentivo: “Quem tiver prática pode muito bem tomar os Dez Mandamentos num dia, noutro dia um salmo ou um capítulo da Escritura, para com este isqueiro acender uma chama em seu coração” (LUTERO, 2018, p.148).

LUTERO E A ELEITORA DE BRANDEMBURGO

Outra experiência vivida por Lutero na prática da oração ocorreu no ano de 1537, envolvendo a Eleitora de Brandemburgo, chamada Elizabeth da Dinamarca, que, desde o outono de 1523, tornou-se uma seguidora do evangelho de Cristo em função de ter escutado uma pregação de Lutero (JACOBSEN, 2003).

Por causa de sua fé, que ia contra as ideologias de seu marido, o Eleitor Joachim I, Elizabeth foi encarcerada em 1527 para retratar-se. Entretanto, em 1528, ela acabou fugindo para a Saxônia, tendo o apoio do próprio reformador, Martinho Lutero:

O próprio Lutero a apoiou e defendeu seu direito de deixar marido e filhos para seguir sua fé. Ela deixou claro que só se mudaria de volta para Brandemburgo se tivesse permissão para ter um pregador luterano com ela e desfrutar do sacramento em ambas as espécies, e estabeleceu como condições adicionais para retomar sua coabitação com o eleitor que ele deveria desistir de suas amantes e seus interesses astrológicos (JACOBSEN, 2003, tradução nossa).

Em meio a esse tempo de fuga e exílio, Elizabeth passou a viver perto da cidade de Wittenberg, onde foi acometida com terríveis problemas de saúde. Por isso, ela buscou socorro com o pregador que havia semeado a semente do evangelho em seu coração e a apoiado em outros momentos de sua vida: “No verão de 1537, a eleitora caiu de cama doente e acabou parando na casa de Lutero. Foi um tempo de stress e angústia, mas que resultou algumas reflexões sobre oração” (GRAFF, 2014, p.10).

Em meio a esse período de aflição, no dia 18 de agosto de 1537, Lutero orou da seguinte maneira:

Querido Senhor Deus, agora ouça nossa oração de acordo com a tua promessa! Não deixes que joguemos as chaves em teus pés, para que no final nós fiquemos irados contigo e não te demos a honra própria que te é devida. Onde tu estarás então? Ah, querido Senhor, nós somos teus. Faze o que quiseres, apenas dá-nos paciência (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.253, tradução nossa).

A partir dessa oração, nota-se que as promessas feitas por Deus de ouvir os clamores daqueles que o invocam são colocadas diante dele por Lutero. Além disso, o reformador também expressa o desejo de que sua oração seja ouvida para que a ira não tome conta dele e o impeça de dar a devida honra ao SENHOR. Por isso, Lutero pergunta pela presença de Deus, expressando a sua angústia e sensação de solidão em meio ao momento que estava vivendo. Contudo, o reformador não deixa de pedir para que a vontade de Deus seja feita, clamando por paciência para esperar no SENHOR.

Após dois dias dessa oração ter sido feita, o pastor Anton Lauterbach, que havia sido aluno de Lutero na Universidade de Wittenberg, tornando-se companheiro dele, tomou nota de outra oração feita pelo reformador:

Querido Deus, tu possuis este nome, que tu és o Responder das orações, como Davi disse [Salmo 145. 19], “Ele acode à vontade dos que o temem; atende-lhes ao clamor e os salva”. Ah Senhor, nós não estamos orando por alguma coisa má! Não deixes que joguemos as chaves na porta (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.253, tradução nossa).

Mais uma vez, Lutero sustenta a sua oração colocando diante de Deus aquilo que ele mesmo prometeu em sua Palavra; de que ele ouve as orações dos que o temem. Também, o reformador repete uma expressão já utilizada anteriormente, a de “jogar as chaves”. Sobre isso, Graff (2014, p.10) comenta:

Sobre o “jogar as chaves” há duas possíveis referências. A primeira é a de que seria costume de uma viúva, que, quando não está em condições de quitar as dívidas de seu marido, coloca as chaves da casa, ou diante da sepultura ou sobre o esquife, como sinal de que ela não está mais ligada ao marido que faleceu e por isso livre de suas dívidas. Seria algo do tipo “estou lavando as minhas mãos”. A outra possível alusão poderia ser proveniente do pseudoepígrafo de 2 Baruch 9.18, onde é descrita a reação de sacerdotes diante da destruição do templo de Salomão.

Assim, percebe-se que, mediante a fé, Lutero confronta a Deus com suas promessas, orando com ousadia e confiança. “O fato é que Lutero se recusava a orar com timidez. Ele sabia com certeza que no fim das contas a vontade de Deus é que prevalecia, mas ele não desistia de orar, por causa das promessas de Deus” (GRAFF, 2014, p.11).

Ainda em meio a todo esse contexto do ano de 1537, Lutero passou a refletir e admirar-se com o fato de Deus realmente ouvir as orações de seus filhos, sem que eles sejam amedrontados e retirados da presença do SENHOR:

Ah, que grande coisa é a oração dos piedosos! Quão poderoso é diante de Deus, que uma pobre alma possa falar com Deus e não se assustar com sua presença, mas saiba que Deus sorri para ela de maneira amigável por causa de Jesus Cristo. A consciência não precisa fugir por conta de sua indignidade, nem ser inundada por dúvidas ou se deixar amedrontar (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.253, tradução nossa).

Além disso, a experiência que Lutero teve com relação às orações pela eleitora auxiliou o reformador a desenvolver o seu entendimento sobre a natureza e origem da oração, fazendo um contraste entre a piedade medieval, que olhava para a oração como uma obra realizada pelo homem,

com a fé firmada em Cristo, que move o cristão a orar e a confiar nos ensinamentos e promessas de Deus.

Ao mesmo tempo que Lutero afirmava que em Jesus não há lugar para timidez na oração, ele também a contrasta com o pensamento piedoso medieval, cuja tendência, que ele próprio admite ter sido vítima, era fazer da oração uma obra humana. A oração cristã é um momento que nenhum ser humano pode gerar, mas ação da graça de Deus (GRAFF, 2014, p.11).

Assim, ao refletir sobre oração como parte da ação de Deus, Lutero estimulou e incentivou à prática constante da oração, não de acordo com a piedade medieval, mas firmada na presença e ação do próprio Deus, que sustenta o mundo ao ouvir as orações de seus filhos de acordo com sua vontade e poder, como fica expresso em seu escrito exortativo à vida de oração: “Portanto, meus irmãos, quem pode orar, ore sem cessar, isto é, de coração e também em determinados momentos oralmente. Pois, na presença de nosso querido Deus, a oração sustenta o mundo; caso contrário, as coisas seriam bem diferentes” (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.254, tradução nossa).

LUTERO E SEU AMIGO MELANCHTHON

Uma das experiências mais conhecidas sobre a vida de oração de Lutero, se refere ao momento em que o reformador orou a favor de seu amigo Melanchthon, no ano de 1540, o que proporcionou importantes reflexões para o pensamento de Lutero sobre a resposta de Deus às orações de seus filhos.

De longe, o exemplo mais famoso das orações de Lutero ocorreu em 1540. Em junho daquele ano, Filipe Melanchthon adoeceu a caminho do Colóquio religioso em Hagenau. Ele parou em Weimar em 12 de junho, incapaz de viajar mais longe e fraco demais para retornar a Wittenberg. Quando seus colegas preocupados, incluindo Martinho Lutero e Justus Jonas, chegaram a Weimar em 23 de junho junto com o filho de Melanchthon, Filipe, o pobre homem estava em um estado de semiconsciência. Depois de avaliar a situação,

Lutero foi até uma janela e começou a orar (WENGERT, 2004, p.250, tradução nossa).

Em meio a essa situação, assim que Lutero percebeu o estado em que seu amigo se encontrava, reconheceu que nada mais podia ser feito, a não ser clamar ao SENHOR por socorro e auxílio, colocando diante de Deus todas as suas promessas, a fim de que pudesse ser ouvido, como o próprio reformador descreveu:

Lá [em Weimar], o Senhor Deus teve que estender sua mão para mim. Pois eu joguei o saco inteiro na frente de sua porta e esfreguei seus ouvidos com todas as promessas de ouvir orações que pude lembrar da Sagrada Escritura, para que ele tivesse que me ouvir, se eu cresse em todas as outras promessas (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.250, tradução nossa).

Diante desse relato, percebe-se que Lutero foi coerente com a sua compreensão sobre oração, tendo como base para orar a própria palavra de Deus. Assim, Lutero orou por seu amigo Melanchthon “jogando um saco” cheio de promessas feitas pelo SENHOR, a fim de “esfregar os ouvidos de Deus” para ser escutado e atendido conforme a vontade dele.

Sobre essas expressões, Graff (2014, p.9) explica: “‘Jogar um saco’ e ‘esfregar em seus ouvidos’ foram formas das quais Lutero se utilizou para expressar a urgência da situação, a necessidade de ajuda e a alegria por ser ouvido e atendido por Deus”. Além disso, essas expressões apontam para a própria fé de Lutero que se firmou nas promessas concretas de Deus, o único que poderia socorrer Melanchthon naquele momento de angústia, dor e aflição; o que de fato aconteceu.

Dez dias depois de orar por Melanchthon, Lutero percebeu que sua oração havia sido atendida por Deus, afinal, seu amigo estava se recuperando daquele terrível estado. Por isso, alegremente, Lutero escreveu uma carta para sua esposa Catarina, demonstrando estar maravilhado com o fato de Deus ter realmente escutado a sua oração e ter livrado Melanchthon da morte:

Graça e Paz! Querida Donzela Catarina, graciosa Dama de Zoltdorf (e quaisquer outros títulos pertencentes a Vossa Graça)! Desejo

informar a Você e a Sua Graça, da maneira mais submissa, que estou indo bem aqui. Eu me alimento como um Boêmio e bebo como um alemão. Graças a Deus! Amém! Isso porque o Mestre Filipe estava realmente morto e ressuscitou dos mortos, assim como Lázaro! Deus, o querido Pai, ouve nossa oração – que vemos e experimentamos – embora ainda não acreditemos nela. Que ninguém diga “Amém” para nossa terrível incredulidade! (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.250-251, tradução nossa).

A partir disso, percebe-se que Lutero não enfatizou o tamanho de sua fé ou o poder de sua oração, pelo contrário, apontou para sua incredulidade na oração em contraponto com a graça e misericórdia de Deus, que livrou Melanchthon da morte. Ainda assim, Lutero percebeu a importância da oração pelo bem de outras pessoas e como a fé de alguém pode orar a favor do próximo, fato que é abordado por Wengert (2004, p.251, tradução nossa):

Essa experiência notável continuou a ecoar nos comentários posteriores de Lutero sobre a oração. Na primavera de 1543, a discussão em torno da mesa de Lutero voltou-se para a questão da *fides aliena* (a fé de outra pessoa) e se ela poderia salvar outra pessoa. Lutero explodiu: “Com certeza!”. O próprio Paulo, pensou Lutero, foi salvo por causa da oração de Estevão – não que Paulo foi salvo pela fé de Estevão, mas sim que, por sua fé, Estevão orou para que Paulo tivesse fé. “Portanto, a oração preservou muitos, assim como oramos por Filipe para ter sua vida de volta”.

Diante disso, essa experiência de Lutero foi importante para o desenvolvimento de sua compreensão a respeito da oração pelo próximo, e da percepção do quão benéfica e eficaz ela pode ser.

Em um de seus escritos, denominado “Catorze Consolações”, Lutero abordou sobre a importância que a fé da igreja possui quando os fiéis oram uns pelos outros, suportando os sofrimentos e tentações em união: “Assim, outros carregam meu fardo, a força deles é a minha. A fé de minha Igreja socorre-me na perturbação, a castidade dos outros suporta a tentação de minha libido, os jejuns dos outros são meus lucros, a oração alheia preocupa-se comigo” (LUTERO, 2011, p.44). Essa mesma questão é abordada por outro autor que dialoga com a teologia do reformador:

Visto que sou cristão, também posso carregar outros com a minha intercessão por eles. Por isso, minhas orações são sempre feitas em benefício dos outros. Eles sempre recebem algo das minhas orações, não importa quão fracos e inadequados meus esforços possam ser. Quando oro por outra pessoa, uso minha fé em benefício dela (KLEINIG, 2019, p.165).

Assim, essa experiência de Lutero foi importante para a sua vida de oração, não apenas pelo motivo de ter sido atendido, mas por ter reafirmado a promessa de que Deus de fato ouve as orações de seu povo.

Temos esta vantagem: a nossa oração é sempre ouvida. Mesmo que não seja ouvida de acordo com a nossa vontade, é ouvida de acordo com a vontade de Deus, que é melhor do que a nossa. Se eu não soubesse que minha oração seria ouvida, seria o diabo orando em meu lugar (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.251, tradução nossa).

PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS DE LUTERO SOBRE ORAÇÃO

Como foi visto no capítulo anterior, Lutero passou por diversos momentos e experiências na vida de oração que espelham o seu entendimento a respeito daquilo que fundamenta a oração. Assim, ao longo de seus escritos, Lutero foi fortalecendo a sua compreensão, relacionando a prática da oração com a palavra de ordem (mandamento) e promessa de Deus. Esse ponto fica evidente na carta para Pedro, o Barbeiro, em que Lutero expôs seu pensamento sobre a constância na vida de oração, baseando-se nas palavras do próprio Jesus: “Digo a vocês que, se ele não se levantar para dar esses pães por ser seu amigo, ele o fará por causa do incômodo e lhe dará tudo de que tiver necessidade” (BÍBLIA, NAA, Lucas 11.8). Assim, o reformador fundamentou seu entendimento e prática na vida de oração, demonstrando que “[...] se deve orar sem cessar, pois é preciso acautelar-se permanentemente contra pecados e injustiças, o que não pode acontecer onde não se teme a Deus e não se tem diante dos olhos seu mandamento” (LUTERO, 2018, p.135).

Portanto, para ensinar e viver a prática da oração, Lutero estabeleceu princípios e fundamentos que sustentam a oração, sendo eles a Palavra de

ordem e a promessa de Deus que fundamentam a oração do Pai-Nosso, também servindo de base para a oração. Esses fundamentos e princípios são brevemente resumidos por Bayer (2007, p.251) ao mencionar o Catecismo Maior: “[...] a oração é constituída do mandamento (*praeceptum*) e do atendimento prometido (*promissio*)”.

A PALAVRA DE ORDEM DE DEUS COMO FUNDAMENTO PARA ORAÇÃO

No ano de 1532, antes mesmo de ter passado por todas as experiências anteriormente relatadas, Lutero publicou o seu “Comentário do Sermão do Monte”, sendo um compilado de prédicas semanais sobre os capítulos 5 até 7 do evangelho de Mateus. Nessa publicação, o reformador estabeleceu alguns princípios a partir do ensinamento de Jesus Cristo sobre oração, vinculando-os com a necessidade de orar:

Mas quão necessária é a oração nem dá para contar aqui: na verdade nós próprios deveríamos percebê-lo muito bem, uma vez que vivemos na carne e no sangue, cheios de toda sorte de maldades, além de termos conosco e contra nós o mundo, que nos inflige todas as aflições, dor no coração e tantos tormentos; isso para não falar do diabo que sempre está à nossa volta, a suscitar inúmeras seitas, bandos e seduções, impelindo-nos à descrença, ao desespero, etc. (LUTERO, 2018, p.118).

Diante dessa necessidade da oração, ao apontar para a presença do Espírito de Deus, que move os cristãos a não serem relaxados e preguiçosos, mas a orarem sem cessar (LUTERO, 2018, p.118), Lutero passou a fundamentar a oração a partir de elementos que a tornam autêntica, sendo um deles, o mandamento de Deus: “[...] que sejamos impelidos a ela, em primeiro lugar, pelo mandamento de Deus que ordenou veementemente que orássemos” (LUTERO, 2018, p.119). O mesmo também foi abordado no Catecismo Maior do reformador, em 1529: “Em primeiro lugar, é preciso saber que, por causa do mandamento de Deus, temos o dever de orar” (LUTERO, 2021, p.474).

Assim, ao fundamentar a oração na Palavra de ordem de Deus, Lutero entendeu que não é a dignidade ou mérito do homem que concede permissão

para que a oração seja dirigida a Deus, porém, é a ordenança de Deus que permite que um pecador indigno suplique a ele; o que tirou um peso do reformador. “A ênfase de Lutero na oração como mandamento e promessa de Deus o libertou do fardo de pensar que ele deve ser digno de se dirigir a Deus e por sua ousadia em atacar os ouvidos de Deus com pedidos de ajuda em necessidade” (LINDBERG, 2014, p.418, tradução nossa). Por isso, em determinado momento de seu comentário, Lutero afirmou:

Se, porém, te sentes fraco e tímido, (uma vez que a carne e o sangue se estão trancando constantemente contra a fé), como se não merecesses ou não tivesses aptidão e ardor para orar, ou se tiveres dúvidas se Deus te ouviu, por seres pecador, atenta para a Palavra e diz: Mesmo que eu seja pecador e indigno, tenho aqui o mandamento de Deus que me ordena a orar, e sua promessa de que me atenderá misericordiosamente, não mercê de minha dignidade, mas do Senhor Cristo (LUTERO, 2018, p.120).

Com isso, o reformador lutava contra a piedade medieval da época e as artimanhas do diabo, que semeavam dúvidas na mente das pessoas em relação à dignidade diante de Deus, o que fez com que o reformador questionasse as igrejas e os clérigos em seu Catecismo Maior, dizendo: “Porque nenhum deles jamais tomou o propósito de orar por obediência a Deus e fé na promessa. Também nenhum deles considerou qualquer necessidade” (LUTERO, 2021, p.477). Por essa razão, Lutero fazia questão de apontar para a vida de oração ligada à ordenança divina, como já tinha feito no escrito “Das Boas Obras”, de 1520:

Neste ponto a pessoa precisa ser realmente sábia e não duvidar que ela e sua oração sejam indignas perante tal majestade incomensurável. Não deve confiar de forma alguma em sua dignidade nem deixar [de orar] por causa de sua indignidade, mas precisa observar o mandamento de Deus e apresentar-lho e opor o mesmo ao diabo, dizendo: “Nada se empreende por causa da minha dignidade, de nada desiste por causa da minha indignidade. Peço e ajo exclusivamente porque Deus, por pura bondade sua, prometeu atendimento e graça a todos os indignos, sim, não somente prometeu, mas também ordenou da forma mais categórica – sob pena de se cair em sua eterna desgraça e ira – que se ore, confie e receba. Se para a alta majestade não foi

demais impor a estes seus indignos vermezinhas a elevada e cara obrigação de rogar, confiar e dele receber, como haveria de ser demais para mim acolher semelhante mandamento com toda alegria, por mais digno ou indigno que eu seja?" É assim que se deve expelir com o mandamento de Deus a insinuação do diabo; assim ele para, e jamais de outro modo (LUTERO, 2011, p.131-132).

Assim, Lutero estabeleceu como fundamento para a oração o mandamento de Deus, sendo a melhor base para se apresentar com confiança diante do SENHOR a fim de suplicar-lhe com a certeza de que a oração seria agradável a ele, não por causa da dignidade humana, mas por causa da Palavra de ordem e promessa de Deus (MTATA, 2018, p.4), afinal, o próprio Jesus Cristo já havia dado essa ordenança: “Na palavra do *ser humano* Jesus ‘Pedi e vos será dado!’, Deus mesmo se deixa apreender em forma de mandamento e promessa. Por outro lado, a palavra do *ser humano* Jesus só leva a essa certeza porque se trata de mandamento e promessa *de Deus*” (BAYER, 2007, p.252, grifo do autor).

Todo esse entendimento permitiu que Lutero pudesse orar com ousadia e confiança ao longo de sua vida, como ficou evidenciado em suas experiências anteriormente abordadas, reconhecendo e professando os benefícios e instrução que Deus concede e pode conceder, tendo como fundamento a ordenança divina para se refugiar e buscar ajuda no SENHOR. Sobre isso, Lutero (2018, p.123) também comentou:

É claro que ele não nos manda orar para instruí-lo sobre o que nos deve dar, e, sim, para que reconheçamos e professemos os benefícios que ele nos concede e que ainda quer e pode dar muito mais, isto é, para que através da nossa oração nos instruamos mais a nós próprios do que a ele; pois assim passo por uma transformação, de modo que não procedo como os ímpios, que não reconhecem nem agradecem; desta forma meu coração se volta para ele e é despertado para louvá-lo e agradecer-lhe, nele buscando refúgio nas aflições e dele esperando ajuda (LUTERO, 2018, p.123).

Assim, Lutero entendeu que a oração é uma boa obra aos olhos de Deus, em função de ser uma obra de obediência à ordenança dele; obra que deve ser fundamentada não sobre a dignidade humana, mas sobre o mandamento de Deus que não pode ser desprezado, como fica claro no

Catecismo Maior de Lutero (2021, p.475): “O que eu faço, faço-o por obediência. E isto que faço não tem outra intenção que não seja a de corresponder à obediência e ao mandamento de Deus. E nisso posso me basear e apoiar, e o tenho em alta conta, não por causa de minha dignidade, mas por causa do mandamento”.

Além disso, Lutero também abordou sobre o que pedir na oração e por que pedir, mantendo como base e fundamento a Palavra de ordem de Deus:

Da mesma forma aqui: o que pedimos e pelo que pedimos, isto devemos considerar como algo exigido por Deus e feito em obediência a ele. Devemos pensar assim: “Se dependesse de mim, essa oração nada seria; mas ela tem valor, porque Deus a ordenou”. Assim, cada um, seja qual for a sua petição, sempre deve ir à presença de Deus em obediência a esse mandamento (LUTERO, 2021, p.475).

Dessa maneira, Lutero percebeu o quanto a oração é preciosa, santa e agradável a Deus, não em função do mérito ou dignidade da parte de quem ora, mas por causa da Palavra de ordem de Deus e da obediência a essa Palavra. A partir disso, como Pless (1999, p.10) afirma ao comentar sobre a explicação de Lutero à introdução do Pai-Nosso “[...], a oração é criada e sustentada pela Palavra do Senhor”. Por isso, em seu Catecismo Maior, o reformador foi claro em fundamentar o ato de orar ao mandamento de Deus, mostrando como a oração é aceitável diante do SENHOR:

A oração que faço certamente é tão preciosa, santa e agradável a Deus quanto a de São Paulo e dos mais santos dentre os santos. E a razão é esta: de bom grado concedo que ele seja mais santo quanto à pessoa; não, porém, no que concerne à oração, já que Deus não considera a prece por causa da pessoa, mas em virtude de sua palavra e da obediência. Pois no mandamento em que todos os santos fundamentam suas orações, também fundamento a minha (LUTERO, 2021, p.476).

Portanto, para Lutero, o cristão deveria primariamente orar a Deus por causa de sua Palavra de ordem. Além disso, o reformador também apontava para a importância de o cristão apresentar a Deus as suas necessidades com seriedade: “Pois quem quer pedir deve apresentar, expor, nomear algo que deseje. Caso contrário, não se pode chamar isso de oração” (LUTERO,

2021, p.477). O mesmo ponto já havia sido abordado por Lutero em seu escrito “Das Boas Obras”:

Quais, porém, as coisas e necessidades que se devem apresentar e lamentar em oração perante o Deus todo-poderoso, para nisso exercitar a fé? Resposta: trata-se, em primeiro lugar, das próprias necessidades e dificuldades prementes de cada um [...] E caso não sabes nem reconheces a tua necessidade, ou se não sofres provação, fica sabendo que tua situação é a pior de todas. Pois esta é a maior provação: constatares que estás tão empedernido, endurecido e insensível que nenhuma provação te afeta (LUTERO, 2011, p.132).

Por isso, em função dos cristãos sempre possuírem o bastante em matéria de carência, Lutero lutou por enfatizar a importância e a necessidade de apoiar a oração na obediência a Deus:

Esta é a primeira parte e a mais necessária: que todas as nossas orações devem fundamentar-se e apoiar-se na obediência a Deus, sem consideração de nossa pessoa, quer sejamos pecadores, quer justos, dignos ou indignos. E saibamos que Deus não quer que façamos pouco caso disso, mas há de irar-se e castigar, se não pedimos, assim como pune as demais formas de desobediência. Também não quer permitir que nossas orações sejam vãs e perdidas. Pois, se ele não quisesse ouvir a sua oração, não ordenaria que você orasse, nem acrescentaria tão severo mandamento (LUTERO, 2021, p.476).

Diante disso, é possível entender como Lutero olhava para a prática da vida de oração com seriedade e primazia, o que fica perceptível em suas experiências anteriormente relatadas, em que o reformador fez questão de apresentar as suas necessidades diante de Deus, tendo como fundamento de suas orações a Palavra de ordem do SENHOR.

A PALAVRA DE PROMESSA DE DEUS COMO FUNDAMENTO PARA ORAR

Em meio aos seus escritos, Lutero não apenas fundamentou primariamente a oração na Palavra de ordem de Deus, mas também estabeleceu como fundamento da oração a Palavra de promessa de

Deus, que concede a certeza de que os clamores dos cristãos são de fato ouvidos, o que para o reformador, deveria mover o coração do crente a orar com vontade e amor.

Em segundo lugar, deve incitar e estimular-nos tanto mais o fato de Deus haver acrescentado uma promessa, dando-nos a sua palavra no sentido de que será certo o que pedimos, conforme ele diz no Salmo 50 [15]: “Invoque-me no dia da angústia; eu o livrarei”. E Cristo diz no evangelho de Mateus 7 [7-8]: “Peçam e lhes será dado etc. Pois todo o que pede recebe”. Isso, na verdade, deveria despertar e inflamar-nos o coração para orar com vontade e amor, visto que Deus testemunha com sua palavra que nossa prece lhe agrada de coração e que, além do mais, será certamente ouvida e atendida (LUTERO, 2021, p.476).

Em seu escrito “Lutero sobre Oração no Catecismo Maior”, Wengert (2004, p.263) comenta como o reformador se utilizou de alguns parágrafos para falar sobre a promessa de Deus em ouvir e responder às orações de seu povo. Além disso, ele cita uma aplicação de Lutero feita em 1542 sobre o ensinamento de Cristo em Mateus 7.7-8, em que o reformador demonstrou a base de sua confiança em clamar a Deus e o seu entendimento de como as promessas de Deus movem os cristãos a orar:

Até agora, a oração preservou a igreja. Portanto, devemos continuar a orar. É por isso que Cristo diz: “Peça, busque, bata!”. Primeiro devemos pedir. Agora, assim que começamos a pedir, Deus foge para algum lugar e não quer ouvir ou ser encontrado. Então, a pessoa tem que começar a buscar, ou seja, continuar orando. Quando uma pessoa o procura, Deus se fecha em um armário. Se alguém quiser entrar, essa pessoa tem que começar a bater. Claro, se alguém bate apenas uma ou duas vezes, Deus o ignora. Finalmente, quando as batidas começam a ser demais, Deus abre a porta e diz: “O que você quer?” “Senhor, eu quero isso ou aquilo”. Então Deus diz: “Tudo bem! Vá em frente e receba”. Portanto, você tem que acordar Deus. Eu sou da opinião que existem até muitas pessoas piedosas aqui [que oram dessa forma], tão certo quanto há muito idiotas do mal [que não oram]. Assim, o versículo “Peça...” implica nada menos do que: “Peça, grite, chore, procure, bata, estronde!” (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.264, tradução nossa).

Diante disso, percebe-se que Lutero ensinava a respeito da persistência da oração apoiada pela promessa de Deus. Contudo, o reformador não tentava resolver o problema das orações não respondidas, pois toda prece deve permanecer fundamentada na promessa feita pelo próprio Cristo de que a oração seria ouvida e respondida.

[...] esta seção sobre a promessa de Deus em sua própria brevidade coloca o problema da oração não respondida exatamente onde Lutero sempre o colocou: nas promessas de Deus. Por um lado, as promessas operam fé em nós e “devem despertar e acender em nossos corações o anseio e o amor pela oração.” [...] Lutero não disse aqui que quem ora deve esperar esse resultado, mas que a promessa deve ter esse efeito [...] Lutero ampliou o problema acrescentando: “Pois, por sua Palavra, Deus testifica que nossa oração lhe agrada de coração e com certeza será ouvida e concedida, para que não possamos desprezá-la, lançá-la ao vento, nem orar incertamente” (WENGERT, 2004, p.264, tradução nossa).

Assim, mesmo diante de orações não respondidas, Lutero não desviava os olhos das promessas de que Deus ouve e responde àqueles que clamam por ele, não buscando questionar o motivo delas não serem atendidas conforme a sua vontade, pois assim, estaria abandonando as promessas feitas por Deus e colocando a fé em risco.

Em vez de usar a teologia para resolver o problema das orações não respondidas, Lutero baseou seu caso na promessa certa de Deus. É o seu próprio silêncio sobre a teodiceia em face da promessa de Deus que lhe permitiu orar com tanta naturalidade. Na verdade, Lutero está argumentando que o problema da oração não respondida deve sempre permanecer sem resposta pelos teólogos, para que não se abandone as promessas de Deus e, portanto, a própria fé em favor da explicação humana (WENGERT, 2004, p.264, tradução nossa).

Ao colocar as promessas de Deus como fundamento para a oração, Lutero não apenas ensinou sobre isso, mas aplicou esse entendimento em sua própria vida de oração, apoiando-se nas promessas para apresentar as suas necessidades ao SENHOR. Isso ficou evidente nas orações do reformador anteriormente citadas, tanto pela Eleitora de Brandemburgo,

quanto por Melanchthon, em que Lutero apresentou diante de Deus as suas promessas de ouvir orações: “Querido Senhor Deus, agora ouça a nossa oração de acordo com a tua promessa!” (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.253, tradução nossa); “Lá [em Weimar], o Senhor Deus teve que estender sua mão para mim. Pois eu joguei o saco inteiro na frente de sua porta e esfreguei seus ouvidos com todas as promessas de ouvir orações que pude lembrar” (LUTERO apud WENGERT, 2004, p.250, tradução nossa). Assim, percebe-se que Lutero era consistente em seu pensamento, fundamentando suas orações nas palavras de ordem e promessa divinas. A mesma consistência de pensamento é encontrada no Catecismo Maior do reformador:

Você pode ponderar-lhe o seguinte: “Venho a ti, querido Pai, e peço não por decisão minha nem baseado em minha dignidade, mas em teu mandamento e em tua promessa, que não me podem faltar nem mentir”. Agora, aquele que não crê em tal promessa, saiba mais uma vez que provoca a ira de Deus como quem desonra em grau máximo e o acusa de mentiroso (LUTERO, 2021, p.476).

Assim, ao olhar para as promessas de Deus, Lutero constatou a autenticidade da oração, afinal, as promessas permitem que os cristãos chamem a Deus de Pai, podendo suplicar-lhe com confiança e crendo firmemente de que podem esperar socorro dele. Isso fica claro no “Comentário do Sermão do Monte” do reformador, ao falar sobre chamar a Deus de Pai em oração:

Ora, ninguém pode fazer isso, se não tiver a Palavra de Deus de que ele deseja que o chamemos de Pai e que prometeu-nos ajudar e atender-nos como um pai. Além disso, é preciso que creia no coração que pode chamar confiantemente a Deus de seu Pai e suplicar-lhe com confiança sincera, crendo firmemente que sua oração foi atendida e que pode esperar ajuda (LUTERO, 2005, p.144).

Com isso, o reformador fundamentou a oração na Palavra de promessa de Deus, mostrando a impossibilidade de haver oração genuína sem fé nas promessas (LUTERO, 2005, p.145). Por isso Lutero fazia questão de ensinar e praticar a vida de oração com confiança, não olhando para a dignidade humana, mas para a Palavra de promessa do SENHOR, que

sustenta a oração e que deve ser apreendida pela fé: “Com isso podes livrar-te das considerações e dúvidas e ajoelhar-te tranquilamente e suplicar, sem considerar se és digno ou indigno, mas apenas tua necessidade e sua palavra na qual ele manda que te fies” (LUTERO, 2018, p.120).

Antes mesmo de publicar o seu “Comentário do Sermão do Monte”, Lutero já havia vinculado a oração nas promessas de Deus no “Sermão sobre a Oração e a Procissão”, pregado entre o Domingo *Rogate* (o quinto domingo após a Páscoa) e a festa da Ascensão, no ano de 1519. Nessa pregação, Lutero aproveitou a ocasião para ensinar que a oração é um dom de Deus a ser exercido somente pela fé.

Ao longo do sermão, o reformador mostrou como as promessas de Deus fundamentam e concedem força para a oração, devendo o cristão apreendê-las através da fé. Essa pregação de Lutero é analisada por Bayer (2007, p.254, grifo do autor), que comenta:

A partir do trecho final da prédica no domingo *Rogate* ficou claro por que a *promissio*, como sua primeira característica, constitui a oração, porque somente ela é o “fundamento e força” da oração. Em contrapartida, uma oração independente e arbitrária seria vazia e nula. A viabilização e a autorização para a oração residem em que por meio de Cristo Deus manda pedir e ao mesmo tempo promete atendimento.

Diante disso, a oração genuína é aquela baseada na promessa segura de Deus, sendo o que de fato sustenta e viabiliza a oração. Esse comentário resume o entendimento de Lutero sobre a oração vinculada às promessas, evidenciando que, sem elas, ninguém seria capaz de apresentar alguma necessidade a Deus, algo que o reformador deixa claro em seu sermão:

Primeiro, devemos ter uma promessa ou garantia de Deus. Devemos refletir sobre essa promessa e lembrar a Deus dela, e dessa forma ser encorajados a orar com confiança. Se Deus não tivesse ordenado que orássemos e se ele não tivesse prometido cumprimento, nenhuma criatura seria capaz de obter nem mesmo um grão de grão, apesar de todas as suas petições (LUTHER, 1969, p.87, tradução nossa).

Além de vincular a oração às promessas de Deus, Lutero também tratou em seu sermão a respeito das necessidades que devem ser apresen-

tadas em oração, mostrando como a necessidade só pode ser reconhecida e definida a partir de uma promessa.

Lutero menciona, como segundo momento da oração, a *necessidade* (*necessitas*). Ela não constitui a oração a partir de si mesma, mas faz parte dela à medida que o mandamento e a promessa se voltam contra ela. A necessidade não ensina necessariamente a rezar – ela também pode levar ao desespero ou à tentativa de superação por conta própria. A necessidade [*Notwendigkeit*] da petição não advém da necessidade que se sofre [*Not*], mas do mandamento que consiste numa promessa (BAYER, 2007, p.255, grifo do autor).

Diante disso, Lutero demonstra como a necessidade também está vinculada à promessa em meio à oração, afinal, se Deus não tivesse concedido a sua Palavra de promessa, não haveria motivos para apresentar as necessidades a Deus em oração, pois não existiria nada em que se firmar.

[...] só é realmente possível reconhecer e definir a necessidade em vista da promessa, no confronto com a promessa de sua superação: “Contrapõe a sua promessa com a tua necessidade”. É por isso que ocorre a concentração, o “recolhimento do espírito” à necessidade a ser apresentada e ao auxílio a ser esperado como concentração na “promessa divina” (BAYER, 2007, p.255).

Por isso, ao fundamentar a oração e as necessidades nas promessas divinas, em meio ao seu sermão, Lutero ensina como Deus quer que seus filhos se apresentem a ele em obediência à sua Palavra de ordem, a fim de que, com fé, estejam seguros em suas Palavra de promessa: “A própria condição em que ele promete cumprimento, sim, a razão pela qual ele nos ordena a orar, é para que sejamos cheios de uma fé segura e firme de que seremos ouvidos” (LUTHER, 1969, p.87, tradução nossa). Assim, ao basear-se nos textos de Mateus 21.22; Marcos 11.24; e Lucas 11.9-13, Lutero conclui: “Devemos confiar alegremente nestas e outras promessas e mandamentos semelhantes, orando com confiança verdadeira” (LUTHER, 1969, p.88, tradução nossa).

Ainda tratando sobre necessidade e oração, em seu escrito “Das Boas Obras”, Lutero (2011, p.136) aponta para os Dez Mandamentos e o Pai-Nosso como fundamentos para que se saiba quais necessidades

devem ser apresentadas e lamentadas a Deus na oração. Assim, tendo os mandamentos e promessas de Deus como fundamentos para apresentar as necessidades a ele, o reformador demonstrou como o cristão sempre terá pedidos a fazer ao SENHOR.

Tempos depois, em seu “Comentário do Sermão do Monte”, Lutero escreveu sobre o problema de orar sem apresentar necessidades a Deus:

[...] quando se implora sem fé e necessidade nesse caso [a oração] não pode vir do coração, e quando não vem do coração e o corpo precisa trabalhar, a coisa fica difícil e enfadonha, como acontece no trabalho físico: feito de má vontade, ele fica pesado e penoso. E, vice-versa, quando o coração está a fim, ele nem se dá conta do trabalho. Portanto, também aqui, quando houver intenção séria e desejo de orar, a pessoa não percebe trabalho ou esforço algum, mas tem na mente apenas o seu aperto e, antes mesmo de se dar conta, já cantou as palavras e terminou sua oração (LUTERO, 2018, p.122).

Assim, o reformador ensinava e praticava a vida de oração, apresentando as necessidades a Deus com frequência e de forma intensa, sempre fundamentando a prece na firme promessa de Deus, que deve ser apreendida pela fé.

A oração dos cristãos, porém, que repousa na fé na promessa de Deus e apresenta sinceramente suas mazelas, esta é fácil e não dá trabalho; pois a fé não demora em expressar o que deseja, inclusive com um suspiro do fundo do coração e que não pode ser compensado e expresso por palavras (LUTERO, 2005, p.146).

Diante disso, Lutero entendeu e aplicou o ensino de Cristo sobre oração ao longo de sua vida, não olhando para si próprio, mas para a Palavra de promessa de Deus, apegando-se a ela com fé. A partir dessa compreensão, o reformador pôde afirmar: “Então, quando praticas uma obra baseado na palavra e na promessa de Deus, tens um sinal certo de que Deus é misericordioso para contigo” (LUTERO, 2018, p.128).

Assim, ao fundamentar a oração nas promessas de Deus, o reformador concluiu que todo esse ensino estava expresso na oração que o próprio Cristo havia ensinado, a oração do Pai-Nosso, que para Lutero (2018, p.124), remete àqueles que oram ao mandamento e promessa de Deus.

Por isso, o reformador também considerou a oração do Pai-Nosso como um fundamento para a oração.

A ORAÇÃO DO PAI-NOSSO COMO FUNDAMENTO PARA OUTRAS ORAÇÕES

Ao longo do desenvolvimento de sua teologia a respeito oração, Lutero percebeu que toda a fundamentação da oração nas palavras de ordem e promessa de Deus poderia ser encontrada, ensinada e praticada a partir da oração do Pai-Nosso:

A Oração do Senhor foi a ferramenta de treinamento essencial para Lutero. Ele a usou como base para ensinar as pessoas a orar em seu catecismo, bem como em seus outros escritos sobre a oração. Ele também achou muito útil para sua própria vida pessoal de oração [...] Lutero ensina que a Oração do Senhor se destina a encorajar mais petições com base em seus princípios, ao invés de ser meramente recitada (ROGERS, 2009, p.345, tradução nossa).

Além disso, como Arand (2006, p.32) também aponta, Lutero considerou a oração do Pai-Nosso como o melhor ponto de partida para o estudo e reflexão do fundamento e propósito da oração, afinal, trata-se da oração formulada pelo próprio Cristo, sendo este o principal motivador que fez com que o reformador a considerasse a melhor das orações:

Como já foi dito muitas vezes, o Pai-Nosso naturalmente é a melhor oração que apareceu na terra até hoje ou que alguém possa conceber, porque Deus, o Pai, a formulou por meio de seu Filho, colocando-a em sua boca, de modo que não precisamos duvidar de que ela lhe agrada sem medida (LUTERO, 2018, p.124).

Assim, percebe-se a importância que Lutero atribuía à oração do Pai-Nosso, tratando-a como um tesouro concedido pelo próprio Cristo para ser usufruído pelos filhos de Deus que podem se aproximar dele com confiança, tendo como fundamento o mandamento e promessa de Deus que estão presentes em meio à oração do Pai-Nosso. Contudo, como Prunzel (2017, p.106) relembra, “Para vivermos a promessa de que Deus irá nos

ouvir, Lutero nos ensina que devemos estar conscientes da relação de Pai e filho”. Por isso, o reformador comenta sobre a parte inicial da oração do Pai-Nosso, tratando sobre a filiação em Cristo:

Logo no começo, porém, ele nos remete ao seu mandamento e promessa com as palavras “Pai nosso...”. Ou seja, ele exige de nós a honra de lhe pedirmos como um filho pede a seu pai, querendo de nós que confiemos em que ele de bom grado dará o que nos for necessário. Isto também inclui o fato de nos podermos gloriar de sermos seus filhos por meio de Cristo, aproximando-nos, portanto, sob seu mandamento e promessa e em nome do Senhor Cristo, apresentando-se a ele com toda confiança, etc. (LUTERO, 2018, p.124).

Já em 1519, Lutero havia mencionado sobre a confiança que os cristãos podem ter em Deus ao orar o Pai-Nosso, em função de estarem apoiados ao próprio Cristo na oração: “Em sua *Exposição do Pai Nosso ao Homem Simples, 1519*, Lutero indicou em termos vívidos que a confiança que nós podemos colocar somente em Deus enquanto nosso Pai está baseada no Filho do Homem [...] Orar ‘Pai Nosso’ é, portanto, orar em nome de Jesus Cristo” (ARAND, 2006, p.42, grifo do autor). Por isso, Lutero aprendeu a orar pedindo confiança no amor paterno de Deus, como fica expresso em uma de suas orações:

[...] agora, mediante sua misericórdia implanta em nossos corações uma confiança confortadora em seu paternal amor, e deixe-nos experimentar o doce e agradável sabor da certeza (qual a de criança) de que podemos alegremente pedir a ti, Pai, te conhecendo e amando clamando a ti em toda tribulação. Guarda-nos para que possamos permanecer seus filhos e nunca tornarmo-nos culpados de fazer de ti, queridíssimo Pai, nosso temeroso juiz, quando passaríamos então de filhos para seus inimigos (LUTERO apud ARAND, 2006, p.42-43).

Assim, o entendimento do reformador o conduzia a orar com confiança e alegria, certo de que estaria correndo em direção aos braços de Deus do mesmo modo como uma criança corre em direção ao pai, como é abordado por Arand (2006, p.43): “O cristão então corre para o Pai como as crianças correm e saltam para os braços do pai, sabendo que ele cessa de fazer qualquer coisa para pegá-las e ouvi-las”.

Com isso, Lutero passou a aplicar essa compreensão sobre oração em sua própria vida, também fazendo questão de ensiná-la, a fim de que o povo cristão pudesse viver a prática da oração, seguindo o modelo ideal encontrado na oração do Pai-Nosso:

A apreciação de Lutero pelo Pai-Nosso não terminou com uma reflexão quanto ao pensar; ela se estende para a própria vida de oração. Para ele, a fé não tem interesse em uma teologia da oração à parte da prática da oração. E ao relacionar o Pai-Nosso como sendo o melhor mestre do orar, Lutero se dirige a ele como o modelo ideal com relação a todas as nossas outras orações (ARAND, 2006, p.32).

Desse modo, na esperança de que a oração do Pai-Nosso conduzisse o povo cristão a uma vida de oração, o reformador escreveu: “Um exercício muito bom, particularmente para a pessoa comum, para crianças e a criadagem da casa é o seguinte: orar o Pai-Nosso inteiro de manhã e à noite, à mesa ou em outras ocasiões, para nele apresentar a Deus toda sorte de carências” (LUTERO, 2018, p.123).

Além disso, Lutero também ensinou o povo sobre a importância do Pai-Nosso em seus catecismos, considerando a oração ensinada por Cristo o ápice das três primeiras partes principais de seus livros catequéticos, como é dito por Arand (2006, p.34):

A importância do Pai Nosso é refletida nos Catecismos primeiro pela sua localização, e segundo, por sua exposição. Se Lutero coloca o Primeiro Mandamento como a pedra angular dos Catecismos, ele também coloca o Pai Nosso como sendo o auge, por assim dizer, das três primeiras partes principais. A fé, requerida nos Dez Mandamentos e outorgada no Credo, vem à expressão no Pai Nosso [...] A oração, portanto, é a reação às promessas de Deus ao expressar a atitude receptiva da fé se apropriando da generosidade e bondade divina.

A partir disso, percebe-se que Lutero desenvolveu uma sequência em seus catecismos que apontam para a oração do Pai-Nosso como a oração modelo, apresentando tudo o que é necessário colocar diante de Deus em oração, como o seguinte autor comenta:

O Pai-Nosso ocupa lugar de destaque no Catecismo de Lutero, porque ele apresenta na sua forma de pensar de Lutero, a aplicação do remédio ao doente [...]. Portanto, a ordem do Catecismo de Lutero segue do diagnóstico, nos Mandamentos, do tratamento, no Credo, até a medicação, no Pai-Nosso [...]. Para que o remédio possa ser colocado na boca, é necessário transformar a vida toda em uma vida de oração. Nesta perspectiva, o Pai-Nosso torna-se modelo porque apresenta tudo que é necessário para vivermos e lutarmos contra os assaltos e tentações de Satanás (PRUNZEL, 2017, p.109-110).

Desse modo, a oração do Pai-Nosso se torna fundamento para a vida de oração, não apenas por estar baseada na promessa e mandamento de Deus, mas também por conter as palavras e as necessidades certas pelas quais cumprem aos cristãos proferirem e clamarem. Por isso Lutero escreveu em seu Catecismo Maior o quanto isso deveria estimular o povo de Deus a orar o Pai-Nosso, não trocando-o por nenhum outro bem existente no mundo:

De mais a mais, também nos deve estimular e atrair o fato de que Deus, além de nos dar o mandamento e a promessa, se antecipa, indicando, ele mesmo, as palavras e a maneira, e nos pondo na boca como e o que devemos pedir. E isto para que vejamos quão afetosamente ele se compadece de nossa necessidade, e para que jamais duvidemos de que essa oração lhe agrada e que certamente será ouvida. Esta é uma grande vantagem sobre todas as orações que nós mesmos possamos elaborar. Pois, neste caso, a consciência sempre poderia estar em dúvida e dizer: “Eu orei; mas sabe-se lá se isto agrada a Deus ou se orei na medida certa e da maneira corretas”. Por isso não se pode encontrar na terra oração mais nobre do que o Pai-Nosso que éorado todos os dias, pois ela tem o excelente testemunho de que Deus, de coração, gosta de ouvi-la. Não a deveríamos trocar pelos bens do mundo inteiro (LUTERO, 2021, p.476-477).

Diante disso, a partir do entendimento de Lutero, a oração do Pai-Nosso nada mais é do que a palavra de Deus que abre os olhos dos cristãos para enxergarem as verdadeiras necessidades a serem apresentadas ao SENHOR, como o seguinte autor afirma: “O Pai Nosso primeiro se torna palavra de Deus para mim e então se torna minha palavra em direção a

Deus. Isto torna a oração certa e nos dá confiança de que é aceitável” (ARAND, 2006, p.44).

É por causa dessa compreensão de Lutero em relação à oração do Pai-Nosso, considerando-a o modelo que conduz os filhos de Deus a enxergarem e clamarem para as suas verdadeiras necessidades, que Prunzel (2017, p.111) afirma: “Nesse sentido, precisamos entender o Pai-Nosso como sendo uma expressão da vontade de Deus que nos envolve em todos os momentos da nossa vida”.

Assim, percebe-se que a oração do Pai-Nosso também conduz os cristãos a terem uma relação direta com Deus e sua vontade, instruindo-os a respeito do que devem esperar e receber de Deus, sendo um importante instrumento do evangelho.

O Catecismo [...]. Focaliza-se em nossa relação com Deus. O Pai Nosso nos instrui quanto às nossas necessidades de forma que aprendamos o que esperar e receber de Deus. Ao nos ensinar sobre nossas necessidades, o Pai Nosso nos mostra como abrir nossos recipientes a fim de recebermos Seus dons [...] O Pai Nosso torna-se um instrumento do Evangelho e mostra que a oração vem a ser centrada nos meios da graça (ARAND, 2006, p.45).

Esse entendimento de Lutero, de que a oração do Pai-Nosso é um instrumento que ensina os cristãos a viverem uma vida de oração conforme a vontade de Deus, leva Prunzel (2017, p.111) a afirmar: “Em virtude disso, para Lutero, o Pai-Nosso traz tudo o que precisamos para viver como cristãos hoje e eternamente. É como se fosse um culto no qual Deus nos serve direta e indiretamente, e nós somos envolvidos nele com toda confiança e fé”. Com isso, a partir do entendimento de Lutero, a oração do Pai-Nosso passa a ser, primariamente, uma obra de Deus, em função da Palavra a ela unida, sendo uma fonte de consolo, como o reformador afirma em seu “Comentário do Sermão do Monte”: “Assim podes perceber que, se consideras não a obra em si, mas a Palavra a ela vinculada, aí encontrarás um tesouro magnífico e precioso, de modo que agora não é mais obra tua, e sim sacramento divino, consolo poderoso e formidável” (LUTERO, 2005, p.153).

Diante de tudo isso, é possível perceber o motivo de Lutero considerar a oração do Pai-Nosso como a base da oração, pois ela foi e continua

sendo ensinada pelo próprio Cristo, tendo como cerne a palavra de Deus, e, como fundamentos, o mandamento e a promessa de Deus. Foi isso que fez Arand (2006, p.35) afirmar:

Lutero encontra, no mandamento e na promessa, muito mais uma base teocêntrica (orientação da fé) do que uma perspectiva egocêntrica (sem fé) para a oração. Ao invés de considerar a oração como pedido lançado aos céus na esperança de que a resposta cairá de lá, a oração se origina e reside na iniciativa de Deus, que busca nossas petições suscetíveis.

Desse modo, a oração do Pai-Nosso abre os lábios dos cristãos para clamarem aquilo que está de acordo com a vontade de Deus conceder aos seus filhos. Com isso, Lutero entendeu que a vida de oração deve ser compreendida a partir da palavra de Deus, estando fundamentada nas bases firmes e sólidas do mandamento e promessa do Pai, como Arand (2006, p.56) conclui: “Nos Catecismos, a oração é primeiro e acima de tudo palavra de Deus a nós. Vem em forma de mandamento e promessa contendo as próprias palavras para orarmos”.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo da pesquisa realizada, experiências e escritos de Martinho Lutero foram explorados, objetivando verificar o seu entendimento sobre quais são os fundamentos em que a oração do cristão está firmada, a fim de perceber as contribuições do reformador para o estudo, compreensão e prática da vida de oração.

Como foi visto, Lutero compreendeu que a oração do cristão está firmemente fundamentada nas palavras de ordem e promessa de Deus, o que permitiu que o reformador vivesse e ensinasse a respeito da vida de oração com toda ousadia, segurança e confiança; certo de que as orações dos filhos de Deus são de fato ouvidas por ele.

A partir do entendimento de Lutero a respeito da oração, fundamentando-a nas palavras de ordem e promessa de Deus, também foi possível perceber como o reformador viu na oração do Pai-Nosso um fundamento para as petições dos cristãos em suas orações, sendo considerada por ele a

melhor oração que existe sobre a terra. Além disso, mediante a análise das experiências de Lutero na vida de oração, foi possível observar como o reformador foi coerente e fiel ao seu entendimento sobre oração, firmando-se nas ordenanças e promessas de Deus, que de fato foram fundamentos para suas orações, como também servem de fundamento para toda cristandade.

Certamente esta pesquisa não encerra o estudo sobre o tema proposto; há muito que ainda pode ser explorado no que se refere às experiências de Lutero na vida de oração e nas contribuições do reformador a partir do seu entendimento sobre oração, sendo um importante assunto que envolve algo essencial da vida cristã.

Portanto, este trabalho apenas concede uma faceta de tudo o que ainda pode ser estudado, fornecendo informações que contribuem com a pesquisa histórica e com o próprio entendimento da oração para a valorização e prática desse movimento da fé que deve sempre se firmar nos sólidos fundamentos das ordenanças e promessas de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAND, Charles. O Clamor de Batalha da Fé: Exposição do Pai-Nosso nos Catecismos. *Revista Igreja Luterana*, v.65, n.2, 2006.
- BAYER, Oswald. *A Teologia de Martin Lutero*. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- FISCHER, Joaquim. Como se Deve Orar, para o Mestre Pedro Barbeiro. In: LUTERO, Martinho. *Pelo Evangelho de Cristo*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1984.
- GRAFF, Anselmo Ernesto. *Oração: [mais] uma Crux Theologorum*. Trabalho não publicado. Fórum Ulbra de Teologia, 2014.
- JACOBSEN, Grethe. Elisabeth. *Dansk Kvinde*, 2003. Disponível em: <<https://www.kvinfo.dk/side/597/bio/795/origin/170/>>. Acesso em: 21 ago.2021.
- KELLER, Timothy. *Oração: Experimentando Intimidade com Deus*. Trad. Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- KLEINIG, John W. *Graça sobre Graça*. Trad. Rony Marquardt. Porto Alegre: Concórdia, 2019.
- LINDBERG, Carter. Piety, Prayer, and Worship in Luther's View of Daily Life. In: *Martin Luther's Theology*. Oxford University Press, 2014.

- LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. Trad. Arnaldo Schüler. In: *Livro de Concórdia*. BRANDEMBURG, Yedo (Ed.). Comissão Interluterana de Literatura (Org.), São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.
- _____. *Catecismo Menor*: com explicações de Heinrich Christian Schwan. Trad. Rodolpho Hasse. Porto Alegre: Concórdia, 2016.
- _____. Catorze Consolações. Trad. Martin N. Dreher. In: *Obras Seleccionadas*, v. 2. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.
- _____. Das Boas Obras. Trad. Martin N. Dreher. In: *Obras Seleccionadas*, v.2. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.
- _____. Oração. Trad. Martin N. Dreher. In: *Obras Seleccionadas*, v.5. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018.
- _____. Prédicas Semanais sobre Mateus 5-7. Trad. Ilson Kayser, Luís H. Dreher, Walter O. Schlupp. In: *Obras Seleccionadas*, v.9. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ed. da Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2005.
- LUTHER, Martin. On Rogationtide Prayer and Procession. In: *Luther's Works*, v.42. Philadelphia: Fortress Press, 1969.
- MTATA, Munyaengetero: Luther on Prayer. *Consensus*, v.39. 2. Ed.2018.
- NESTINGEN, James Arne. The Lord's Prayer in Luther's Catechism. In: *Word & World*, v.22, n.1, 2002.
- PLESS, John. Prayer: The Voice of Faith. In: *For the Life of the World*. v. 3, n. 2, 1999.
- PRUNZEL, Clóvis Jair. *Os catecismos de Lutero para o povo de Deus*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.
- ROGERS, Mark. "Deliver Us from the Evil One": Martin Luther on Prayer. In: *Themelios*, v.34, n.3, 2009.
- SCAER, David P. Luther on Prayer. *Concordia Theological Quarterly*, Saint Louis, Missouri, v.46, n.4, 1983.
- VEITH JUNIOR, Gene Edward. *Um ponto de apoio*. Trad. Oscar Lehenbauer. Porto Alegre: Concórdia, 2019.
- WARTH, Martim Carlos. Introdução a Uma Singela Forma de Orar. In: *Obras Seleccionadas*, v.5. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2018.
- WENGERT, Timothy J. Luther on Prayer in the Large Catechism. *Lutheran Quarterly*, v.18, 2004.
- ZÜGE, Edgar. Fundamentos da Oração. In: NEUMANN, Úrsula (Coord.). *Celebrando a Reforma*. Porto Alegre: Concórdia, 2016.